

O que acontece quando um poeta, amante das palavras, é assaltado e tem de dar queixar e fazer retrato falado do seu agressor ?

Um homem chega tenso e assustado na delegacia.

- O que houve ? – pergunta logo um policial do local.

- Eu... fui... agredido... – diz, ofegante, o homem.

- Calma, calma, sente-se. Você está bem ?

- Sim, sim – responde o homem se sentando.

- Gostaria de nos dar sua queixa ? – questiona o policial.

- Claro.

- Por favor, siga-me – diz o policial. Em seguida se levanta e junto com o homem ofegante vão a uma pequena sala. Se sentam nos lados opostos de uma pequena escrivaninha. O policial tira um papel e uma caneta da gaveta.

- Qual seu nome?

- Gustavo.

-Idade ?

-23.

- Profissão ?

- Poeta

- Digo, como você ganha dinheiro ? – insiste o policial.

- Poeta.

- Ninguém ganha mais dinheiro fazendo poesia. Nem com jornada dupla e caixa 2. Poesia é hobby.

- Assim ofendes minha dignidade. Ser poeta é, acima de tudo, amar e saber apreciar o poder das palavras.

O policial fica em silêncio.

- Deve morrer de fome – comenta – Quem vai precisar de um serviço de poeta ? Um jovem apaixonado que não tem internet ?

- As pobres pessoas que perderam a alma em suas vidas simplistas.

O policial fica em silêncio novamente.

- Tá – continua o policial – me conte o que houve.
- Eu estava a mitigar pela beleza noturna da cidade em campos de propriedade pública
- Estava andando na rua a noite – afirma o policial – Você sabe que não precisa falar desse modo né?
- Mas eu não só trabalho com poesia, eu a vivo em sua plenitude.

O policial fica em silêncio.

- Continue – diz o policial.
- quando de inopinado surge um ser de feições parecidas com as minhas, porém tomado de uma...

- Quando o quê ? Inopado ?

- Inopinado. Algo súbito, inesperado

- Ah...

- Surge um ser tomado de uma pobreza de espírito que tinha como objetivo agredir vossa humilde pessoa aqui presente...

- Senhor... que discurso mais... poético. Do breu do escuro surgiu alguém tentando te assaltar – continua o policial.

- Tal ser, que não deveras aqui receber alcunha de ser humano por portar tamanha atitude maléfica ao espírito, ousou me destruir a propriedade física da qual não me dissocio com intuitos...

- CALMA... pera... O cara.. destruir sua propriedade da qual você não se dissocia – diz pensativo - Ele...Eu não entendo poesia não. Fala direito.

- Aquilo que nasci e nunca poderei me livrar até que meu caminho por esse mundo esteja terminado.

- Ainda... não entendo. Dessa vez pareceu mais uma adivinha do que poesia.

- Sem a dúvida de suas intenções poesia não pode haver.

- Agora você falou como Yoda só. A ordem das palavras trocando. Isso não é poesia.

- É poesia se vem da profundidade da alma, não importa o quão simples seja.

Silêncio...

- Continue seu relato, senhor Gustavo.

- Quando apareceu de um lugar assombrado pela incapacidade de afligir minha retina de forma moderada a fim de me conceber uma imagem mais clara...

- Tá, guentaí- diz o policial. Se levanta, vai até a porta e grita – BRUNO!!! Vem cá – e se vira para Gustavo – Eu não entendo o que você fala. Talvez Bruno consiga. Sério.

1 minuto depois Bruno , outro policial, chega na sala.

- Chamou ?

- Sim. Esse homem aqui, o Gustavo, 23 anos, estava me contando como foi assaltado.

- O senhor está bem ? – pergunta Bruno

- Sim, sim. O problema é que ele não consegue falar de uma forma mais... normal

- Olha o preconceito com vossa pessoa – diz Gustavo

- Ele não consegue falar.. de uma forma convencional – reafirma o policial - E pensei, o Bruno gosta de Cazuza, adora escrever poesia para ganhar as mulheres, talvez ele entenda o que Gustavo está querendo me dizer.

- Não entendi muito bem a relação de poesia e assalto, mas vamos lá.

- Irá entender – diz o policial – Continue Gustavo – e aponta para o poeta.

- Estava eu a me admirar com a plenitude do manto estrelado que é a noite...

- Você estava andando a noite. Essa parte eu já entendi. Continue da onde você parou – interrompe o policial

- Quando apareceu de um desses espaços físicos que em nada adicionam a nossa capacidade visual

- Quando, de um lugar muito escuro – diz Bruno.

- Surgiu um meliante com objetivos de tamanha agressividade que fariam as mais ingênuas crianças tremerem de medo a noite, desejando que a morte talvez as pudesse encontra-las naquele momento.

- De um lugar escuro apareceu um bandido, um assaltante

- Já promulgando seus atos obscenos e seus intuitos desonrosos para com o objeto da qual não me dissocio

- É essa desgraça aí. Objeto da qual não me dissocio. Algo como “sempre terei até o caminho na terra termine”. Essa parte aí que não entendi- interrompe o policial, ansioso.

- Ele quis dizer que o bandido falou que era assalto e ameaçou a vida dele.

O policial fica em silêncio...

- E esse é o fim da jornada infortuita do presente vivido há pouco tempo por minha humanidade.

- E é isso – completa Bruno.

- Ué, mais nada ? Um cara, no escuro, o assalta e pronto ?

- Sim – diz Gustavo.

- Para onde ele foi , o que levou ?

- Quando tal indivíduo soube de minhas condições nada usuais de sobrevivência, ele riu, ofendeu-me verbalmente. Deu-me um tapa que estalou meus dentes e pôs a andar com as pernas uma atrás de outra como se o diabo o perseguisse.

- Quando o bandido soube como ele trabalhava... Qual a sua profissão Gustavo ? – pergunta Bruno.

- Poeta.

- Sério ? Também queria ser, mas meu pai não deixou.

- Ser poeta não é profissão – diz o policial

- Claro que é. Uma das mais nobres. Mas meu pai é antiquado. Depois de poeta só motorista de ônibus

...

- Conhecer todo dia pessoas diferentes e ver a beleza da cidade. Existe coisa melhor ?

...

- Continue – diz o policial, apontando para Gustavo

- Ah sim. Então.. o bandido quando soube que ele trabalhava como poeta riu e deu um tapa na cara dele. Depois correu.

- Entendo – diz o policial – Você poderia nos fazer um auto retrato do bandido ?

- Claro – diz Gustavo.

- Só espere o desenhista chegar. Já o chamei – diz o policial.

5 minutos depois o desenhista chega

- Pronto. Essa aqui é o Lúcio. Gustavo, Lúcio, Lúcio, Gustavo.

Os dois se cumprimentam;

- Então Lúcio, Gustavo foi assaltado...

- Agredido – interrompe Bruno.

- Agredido – continua o policial – e irá nos falar como ele era para você fazer o auto retrato.

- Claro, claro – diz Lúcio – continue.
- Então – começa Gustavo- Ele era da cor do que o astro rei deixa as pessoas mais suspensas e frágeis ao seu encanto.
- Heim ? – diz Lúcio
- Ele era moreno – completa Bruno- Relaxa que eu vou ajuda-lo a entender o que o Gustavo fala.
- Ele é poeta – diz o policial.
- Sério ? Também queria ser, mas meu pai não deixou. Ele disse que se for para ser vagabundo, que fosse um com chance de sobreviver. Aí virei desenhista – fala Lúcio.
- AH – HAM – o policial limpa a garganta.
- Moreno... que mais ? – pergunta Lúcio.
- Sua boca tinha sido contemplada com uma leve desfiguração em seu lado mais apaixonante da vivência humana.
- A boca era meio torta, do lado esquerdo.
- Esquerdo ? – o policial pergunta.
- O lado apaixonante, o coração...
- Ahhh – exclamam Lúcio e o policial juntos.
- Seu nariz, uma estátua íngreme no meio de sua face, reta e plana igual aos antigos consideravam ser a forma de nosso planeta, fino e pontual, denotando suas próprias feições sentimentais de pouca amizade.
- Nariz fino e reto. Pontudo.
- Seus olhos, da cor mais vívida e áspera que já pude presenciar. De uma flama imensurável do tamanho de flores desabrochantes em pleno solstício de verão. Cor que não se cala, que cega, que almeja sua alma e a desfaz em pequenas porções de infinitude egoísta.
- Pera que dessa vez não entendi nada! – fala Bruno.
- Isso foi MUITO GAY – comenta o policial.
- Eu gosto de poesia, mas juro que achei que ele fosse me beijar – comenta Lúcio.
- O que são olhos de flama imensurável ? – pergunta Bruno.
- O que é uma cor que não se cala ? – pergunta o policial.
- Seja mais específico, por favor! – diz Lúcio
- ...

Gustavo recomeça

- Das profundezas do oceano e da alma humana, seus olhos refletiam a cor...
- AZUL – gritam os 3 juntos.
- Refletiam a cor que a soberania da raça humana nunca poderá calar...
- Chega, já entendemos que é azul – diz o policial.
- Acabei – fala Lúcio.
- Mas e a cabeça, as orelhas ? – questiona Bruno.
- Olho azul já diz muita coisa- fala Lúcio – Cabeça de caucasiano, orelhas pequenas certo ? A morfologia antropológica nos diz isso.

E se olham para Gustavo.

- Bem, eu diria que a cabeça é de formato impetuoso de uma fruta que cresceu demais e deixou seus pequenos broches das laterais parecerem ínfimos e desprezado por sua característica...
- Chega! – fala o policial – Lúcio tá certo.

Lúcio vira o desenho e mostra para Gustavo.

- É ele – fala Gustavo – Esse mesmo que me assaltou.
- Ele é famoso pelas redondezas, adora atacar pessoas como você- fala o policial.
- Poetas ?
- Não, gente que... tem profissões... fora do senso comum. Já atacou um assoviador profissional...
- Eu nunca consegui assoviar – fala Bruno
- Nem eu – diz Lúcio
- Um assoviador, um cuspidor de distância, um degustador de comida estragada, até um cara que se dizia “fazedor de ponto” , para fazer o ônibus parar, e agora você, um poeta.
- Que cruel – diz Gustavo – Isso perfura minha alma e me deixa em estado de fúria...
- Cala a boca – diz o policial.
- Mais respeito com ele – diz Bruno
- É, sua presença nos fortalece o espírito e nos motiva a buscar nossos sonhos almejando sempre um...
- CALEM A BOCA! – diz o policial.

Nesse momento entra um outro guarda na sala ofegante.

- Senhor, senhor, chegou mais um agredido ... E parece que foi o mesmo maníaco de sempre...

- Putz, a noite vai ser longa – diz o policial –Mande o ... Qual o nome dele ?

- Ele não diz.

- Não diz ? Manda ele entrar. E o que ele faz ?

- Parece ser mímico senhor.

- PUTAQUEPARIU!

[FIM]

Dario Maciel – ECO - UFRJ